

DESSONS, Gérard; NEUMANN, Daiane; OLIVEIRA, Giovane F. Émile Benveniste e a arte do pensar. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. Tradução de Daiane Neumann e Giovane Fernandes Oliveira. [www.revel.inf.br]

ÉMILE BENVENISTE E A ARTE DE PENSAR: UMA ENTREVISTA COM GÉRARD DESSONS

Gérard Dessons¹

Daiane Neumann²

Giovane Fernandes Oliveira³

Gérard Dessons é professor de língua e literatura francesa na Université Paris 8, onde trabalha com a poética, a teoria da linguagem e a teoria da arte. É membro do grupo Polart – poétique et politique de l’art. Publicou *Émile Benveniste, l’invention du discours* (Éditions, IN PRESS, 2006), obra que influenciou os trabalhos em torno do pensamento desse linguista no Brasil, abrindo-os à dimensão antropológica da teorização benvenistiana. Dessons também orientou o trabalho de tese de Chloé Laplantine, *Émile Benveniste: poétique de la théorie. Publication et transcription des manuscrits inédits d’une poétique de Baudelaire* (2008).

O autor publicou ainda os seguintes títulos: *La Voix juste. Essai sur le bref* (Paris, Manucius, “Le marteau sans maître”, 2015); *Le Poème* (Armand Colin, 2011/1^a ed. 1991); *La Manière folle. Essai sur la manie littéraire et artistique* (Manucius, 2010); *Rembrandt, l’odeur de la peinture* (Laurence Teper, 2006); *Introduction à la poétique. Approche des théories de la littérature* (Armand Colin, 2005/1^a ed. 1995); *Maeterlinck, le théâtre du poème* (Laurence Teper, 2005); *L’Art et la manière. Art, littérature, langage* (Honoré Champion, 2004); *Traité du rythme: des vers et des proses - avec Henri Meschonnic* (Nathan, 1998). Ele também

¹ Université Paris 8.

² Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016), com período de doutorado-sanduiche, sob a supervisão de Gérard Dessons, na Université Paris 8 (2014). Atualmente, é professora nos cursos de Graduação em Letras e professora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas.

³ Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde se dedica a estudar o pensamento de Émile Benveniste, especialmente o fenômeno da aquisição da escrita à luz desse pensamento.

é autor de *Petite théorie du papier* (Marano Vicentino, Pino Guzzonato, 2000); *Lieux communs* - desenhos d'Odile Druhen (*La Licorne*, 1993); *Mon rêve d'une femme assassinée* - desenhos d'Hervé Sornique (Cardinaux, 1988).

Nesta entrevista, Gérard Dessons fala, dentre outros temas, de seus principais objetos de estudo, de seu encontro com Benveniste e de sua visão acerca de uma antropologia histórica da linguagem presente no pensamento desse linguista. cremos que a entrevista que ora tornamos pública suscitará o interesse não apenas daqueles que, como o entrevistado, centram-se na literatura e na arte, mas também de todos os estudiosos da linguagem que a investigam a partir da reflexão benvenistiana. Por fim, gostaríamos de agradecer a Gérard Dessons por sua generosidade em nos conceder esta entrevista e por sua inestimável contribuição à renovação da leitura das fascinantes ideias de Benveniste sobre, para usar palavras deste, a linguagem que serve para viver.

NEUMANN E OLIVEIRA – O senhor dedica-se ao estudo acerca de teorias da linguagem, da literatura, da tradução e de suas interações. Poderia nos falar um pouco a respeito de sua trajetória teórica, de seu encontro com Benveniste e de como se dá a relação entre esses interesses de trabalho?

DESSONS – No início dessa aventura, há a “linguistic turn”, momento em que as ciências humanas, nos anos “estruturalistas”, situam a linguagem na vanguarda de seus objetos de estudo. A abordagem é nominalista, e a linguagem é considerada como o mais importante operador do real. No entanto, a literatura vai se encontrar no coração de um verdadeiro problema. Essa “arte da linguagem” vai, de fato, encontrar-se tratada à parte, como anticiência, tendo pouco a dividir com o que se tornará, em breve, as “ciências da linguagem”. Tal separação entre – para ser breve – poema e língua constituía uma verdadeira dificuldade, sobretudo porque ela era consagrada pela instituição: de um lado, os departamentos de literatura trabalhando sobre o plano do significado; de outro, os departamentos de linguística (“ciências da linguagem”) ocupando-se antes do significante.

Meu encontro com o trabalho de Benveniste ocorre nos anos 1968-70. Nesse momento, a linguística está, como eu o disse, na moda: as ciências humanas geram cada qual uma subdisciplina oriunda da linguística: “etnolinguística, psicolinguística, sociolinguística”. Os pesquisadores vão, então, dedicar-se a reunificar a literatura e as

ciências da linguagem, principalmente: Jakobson e a poética, Benveniste e a discursividade, aos quais é preciso acrescentar o Saussure dos *Cadernos* de anagramas. É nessa perspectiva que eu encontro muito cedo o trabalho de Henri Meschonnic sobre a tradução. Enquanto a questão que se coloca aos linguistas é aquela da visão de mundo, Henri Meschonnic considera que o ponto de vista da tradução não é um problema de línguas, mas um problema de discurso.

NEUMANN E OLIVEIRA – Em sua obra *Émile Benveniste, l'invention du discours*, o senhor afirma que Benveniste “visou uma antropologia – histórica – da linguagem”. Pode-se afirmar que essa “antropologia – histórica – da linguagem” nasce a partir da noção de *discurso*, tal como proposta por Benveniste? Se sim, o senhor poderia explicar como?

DESSONS – É preciso, inicialmente, retornar à expressão – que figura no subtítulo do livro de Henri Meschonnic, *Critique du rythme* – “antropologia histórica da linguagem”, insistindo sobre o termo “histórica”. Com efeito, a ideia de que o homem possa ser definido pelo seu uso da linguagem (contrariamente aos animais – ver o artigo de 1952, “Comunicação animal e linguagem humana”) é comum, mas insuficiente. Ao dizer que o homem é um animal que fala, que tem linguagem, não se diz nada do seu estatuto específico. Isso pode ser explicado por uma metafísica da linguagem: Deus deu o verbo ao homem. Mas se pode propor também que o homem se constituiu historicamente como ser de linguagem, fazendo do uso da linguagem seu modo de individuação. É esse o objeto de uma “antropologia histórica da linguagem”. Portanto, pode-se dizer, de fato, que a noção de discurso tal como é pensada por Benveniste, como um processo de subjetivação, implica a linguagem como um processo de hominização.

NEUMANN E OLIVEIRA – O senhor poderia nos esclarecer como essa “antropologia – histórica – da linguagem” propõe o que o senhor chamou de “uma teoria de conjunto”?

DESSONS – Se a linguagem é o motor da individuação humana, então toda a reflexão sobre a linguagem é, *ao mesmo tempo e indissociavelmente*, uma reflexão sobre o

sujeito, a sociedade, a arte, a conversação etc. Esse postulado contradiz a possibilidade de pensar o homem como um agregado de qualidades desenvolvidas por ciências autônomas, como a sociologia, a psicologia, a mitologia, a politologia, cada uma tendo sua epistemologia (sua teoria do sujeito, da sociedade). A linguagem, sendo o interpretante universal do que concerne ao humano, trata como um conjunto tudo o que concerne ao humano em seu processo de hominização.

NEUMANN E OLIVEIRA – Em seu livro já citado, o senhor defende que “o estudo da enunciação recobre então, de uma parte, uma problemática global que tem a dimensão de uma teoria da linguagem e, de outra parte, estudos específicos sobre formas linguísticas: formas verbais, índices de pessoa, marcadores espaço-temporais”. Considerando essa citação, que efeitos o senhor considera que a tomada da enunciação enquanto uma problemática global produz sobre a análise linguística?

DESSONS – A posição de Benveniste é clara: se a enunciação designa a atividade de um sujeito em sua linguagem, então toda fala é por natureza enunciativa. Simplesmente, pode-se distinguir, para simplificar, dois tipos de discurso.

Os mais correntes possuem marcadores de enunciação compatíveis com uma tipologia compartilhada por todos os locutores de um grupo linguístico (dêiticos, modalizadores etc.). Esses marcadores asseguram um funcionamento da linguagem que consiste em relacionar um enunciado a um sujeito particular, segundo modalidades aceitas pelo grupo de locutores. Tais modalidades funcionam de uma maneira convencional (aqui *vs.* lá; ontem *vs.* amanhã etc.). É o discurso “ordinário”.

Mas outros discursos, por outro lado, funcionam diferentemente: inventando seus marcadores subjetivos. Nesse caso, é o conjunto do texto que se torna um marcador de subjetivação. O que melhor mostra isso é o poema (ou, em um outro contexto, o delírio), enquanto aventura da linguagem (e devir de um sujeito). Não se está mais, então, em um terreno familiar, mas no que Benveniste designa, após Baudelaire, como *terrae incognitae* (terras desconhecidas). Todos os indicadores são embaralhados, e é o conjunto de um discurso (preposição, determinante, ritmo etc.) que se torna um marcador potencial de subjetividade. Estamos, então, já na literatura. Cabe a nós dizer, como assinali em meu livro, se Nerval, quando emprega

conjuntamente um *passé composé* e um *passé simple*⁴ (duas formas pertencentes a esferas temporais conhecidamente heterogêneas), domina mal o sistema dos tempos verbais, ou se ele cria uma marcação específica da “l'épanchement du songe dans la vie réelle” (*Aurélia*).

NEUMANN E OLIVEIRA – Uma grande parte de seu trabalho é dedicada a pensar a literatura e a arte. O senhor acredita que a reflexão sobre a linguagem em Benveniste pode contribuir para o trabalho com a literatura e a arte? Qual seria o impacto dessa reflexão nesses campos de estudo?

DESSONS – É preciso partir do artigo “Semiologia da língua”, de 1969, que expõe a distinção feita por Benveniste entre dois modos de significar: o modo semiótico, modo descontínuo cuja unidade é o signo, concebido como universal, e o modo semântico, caracterizado pela natureza contínua das unidades próprias às obras de arte singulares. O artigo evoca logicamente, como práticas artísticas com sistema “interno” e singular, a pintura, o desenho, a música. Mas, a essas artes não artísticas, Benveniste acrescenta, em notas sobre a linguagem poética (reveladas nos anos 2000), a prática da linguagem, o que pode parecer paradoxal, uma vez que as palavras são *a priori* unidades descontínuas e universais. Na verdade, em um poema, as palavras não funcionam como signos e, bem ao contrário, opõem-se às palavras-signos da “linguagem ordinária”, as quais significam convencionalmente segundo códigos que garantem a universalidade de seu valor. O escritor, portanto, como o pintor, como o músico, cria o seu próprio sistema de significância. E, desse ponto de vista, o poema, ainda que constituído de palavras, não é mais imediatamente significante que uma forma pintada ou uma nota de música. Trata-se, aqui, de um progresso considerável na reflexão sobre a poeticidade da linguagem.

NEUMANN E OLIVEIRA – Dentre as questões que o senhor sublinha a partir da leitura da obra de Émile Benveniste, encontramos o que o senhor denomina “a arte de pensar”. Isso significa que Benveniste não concebeu somente uma nova teorização acerca da linguagem, mas também uma

⁴ “Nous fûmes tous les trois inondés de lumière. C'est alors que je suis descendu parmi les hommes”

nova maneira de teorizar acerca da linguagem. O senhor acredita que ainda é possível ler Benveniste considerando essa teorização acerca da linguagem, mas negligenciando a maneira como ela é feita?

DESSONS – A arte de pensar que descrevo em Benveniste assemelha-se a uma poética, no sentido de que o que é dito em seus trabalhos aparece inseparável da maneira como é dito. Essa situação não é surpreendente da parte de alguém que lê poesia, que escreve sobre poesia, que planeja fazer um estudo sobre Baudelaire e que considera que a linguagem poética é, como ele o diz, “imensamente” interessante para a linguística. Essa maneira de dizer (trata-se mais exatamente de um dizer que é uma *manière* – maneira de pensar, de viver na linguagem) é marcada pela simplicidade de formulações mais engajadas, mais fortes, como: “a frase é um acontecimento evanescente” ou: “dizer bom dia todos os dias de sua vida a alguém é cada vez uma reinvenção”. Essa maneira de escrever a teoria está longe da conceitualização científica que considera como indispensável inventar novos conceitos – contra a visão de Occam que advertia contra a inflação conceitual!

Se fosse necessário caracterizar a *manière* de Benveniste, seria evidentemente, como eu desenvolvi em meu livro, o pensamento por problemas. Essa abordagem está claramente inscrita no frontão dos dois volumes dos *Problemas de linguística geral*: tais estudos são, antes de tudo, problematizações. Simplesmente, para Benveniste, trata-se menos de *resolver* problemas que de *inventá*-los. Portanto, para responder à questão de vocês, ler a obra de Benveniste atendo-se somente ao enunciado de seu propósito, quer dizer, sem levar em conta a atividade significativa da enunciação, conduziria o leitor a falsas pistas.

NEUMANN E OLIVEIRA – **O senhor afirmou, em seu livro, que, “dentre as aberturas que a teoria de Benveniste pôde suscitar, a mais interessante, pela amplitude de suas investigações, é certamente a teoria do ritmo elaborada por Henri Meschonnic”. O senhor poderia discorrer acerca dessa constatação?**

DESSONS – Antes de mais nada, é preciso ser claro: Benveniste não formulou teoria do ritmo; isso não era seu propósito quando escreveu seu artigo de 1951, “A noção de ‘ritmo’ em sua expressão linguística”. Seu trabalho – fundamental – consistiu em

historicizar uma noção que se tinha essencializado desde que Platão havia feito dela o conceito da regularidade, da forma cadenciada e harmoniosa. Benveniste mostrou que esse ponto de vista não era todo o pensamento do ritmo. Antes de Platão, os pré-socráticos haviam construído uma outra concepção do ritmo que se aplicava à *organização do movente* (e não ao retorno do mesmo, como o implicará a concepção de Platão, que permanece a definição “oficial” do ritmo). O ponto importante reside na introdução do artigo. Benveniste aí sublinha que a noção de ritmo, uma vez que ela interessa a “uma ampla porção de atividades humanas”, poderia servir para “caracterizar distintivamente os comportamentos humanos, individuais e coletivos”. O artigo, evidentemente, não tem como objeto o problema da enunciação, no entanto Benveniste considera aí o ritmo como um processo de individuação. É partindo desse ponto de vista que Henri Meschonnic teorizou sobre o ritmo como a organização do sujeito em sua linguagem, concepção que pressupõe, como funcionamento do discurso, um pensamento do contínuo (não há “furo” na linguagem; mesmo um silêncio é uma enunciação) e do imprevisível (a fala não é previsível; ela constitui a linguagem na historicidade de sua atividade).

Referências

- DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.
- MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Lonrai, França: Éditions Verdier, 2009.
- BENVENISTE, É. A noção de “ritmo” em sua expressão linguística. In.: _____ *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes Editora, 2005.
- _____. Semiologia da língua. In.: _____ *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes Editora, 2006.